

### Resumo

O presente artigo fala da importância da atuação da psicopedagogia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, frente aos desafios enfrentados no processo ensino e aprendizagem, como forma de diminuir o fracasso escolar, construído socialmente, que tem como foco a dificuldade de aprendizagem do aluno. Através da ação psicopedagógica na escola é possível deslocar esse foco dessas dificuldades, do educando para todos os envolvidos no processo. Pretende-se refletir sobre como, através de um novo olhar para os atores que atuam no palco do aprender e do ensinar, o psicopedagogo pode intervir para atender às necessidades de educando e educadores na construção do sucesso escolar.

**Palavras chave:** Psicopedagogia, educando e educador, atuação, intervenção,

### Summary

The article talks about the importance of the performance of the psicho education in the first classes of the fundamental teaching in front of the challenge faced in the teaching and learning process, as a way to reduce the shool failure, socialy built, which has as focus the difficulty of the students learning. Through the psicho educational action at shool it is possible, to dislocate this focus of the difficultes of the students for everybody in the process. It will inted about as through of a new look to the actors who performs at the stage of learning and teaching, the psicho teacher can interfere to serve the needs of the students and teachers in the building of the shool process.

**Key words:** Psicho education, students and teacher, performance, intervention

## 1. INTRODUÇÃO

A psicopedagogia tem por objeto de estudo a aprendizagem humana. Realizando trabalhos através de processos e estratégias que levam em conta a individualidade do aprendente e do ensinante, compromete-se com a melhoria do processo ensino e aprendizagem. Ela nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprender para poder atender as necessidades individuais, nessa aventura.

Há alguns anos, a falta de clareza de alguns educadores a respeito das necessidades específicas de aprendizagem, inerente a cada sujeito, fazia com que os educadores as confundissem com déficits de inteligência do qual o aluno era o portador, que levavam a encaminhamentos para profissionais de diversas áreas da saúde, como: pediatras, neurologistas, psiquiatras, psicólogos clínicos, etc, que na maioria das vezes não encontravam solução que realmente resolvesse os ditos "problemas" que o educando enfrentava em sala de aula.

A idéia, inicialmente divulgada através dos consultórios, chegava às escolas que, sem nenhum critério, classificavam as crianças com dificuldades para ler e escrever como "disléxicas" e as mais agitadas como "hiperativas". Os profissionais da área médica que reforçavam o diagnóstico dos educadores, recorriam, freqüentemente, a uma linha medicamentosa de tratamento que, de acordo com Scoz (1996, p. 13):

Os problemas de aprendizagem não são restringíveis, nem as causas físicas ou psicológicas, nem a análise das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade.

Os profissionais da Neuropediatria preocupados com as questões relacionadas à aprendizagem escolar comentam, em seus estudos, que, nas consultas médicas o diagnóstico de DCM (Disfunção Cerebral Mínima) partia dos próprios pais, atingindo o índice de 40% das crianças atendidas no consultório, o que causava a impressão de que se vive com uma população de anormais.

Questões conflitantes como essas e outras que acompanham os educadores e, por toda uma trajetória no Ensino Fundamental durante esses anos, é que se resolveu buscar algumas respostas.

O primeiro questionamento a ser respondido diz respeito ao entendimento que o psicopedagogo tem com relação ao processo de ensino e aprendizagem escolar e de que forma ele pode intervir nesse ambiente, num trabalho de parceria com educandos e educadores, para atender as necessidades reais desses atores, no processo de aprender. E como o jogo simbólico pode contribuir para a qualidade dessa intervenção.

A psicopedagogia utiliza-se de conhecimentos amplos que dão suporte ao estudo da aprendizagem humana, da interferência do meio na forma de aprender, das dificuldades encontradas por pais e educadores no processo educativo, e de formas adequadas de intervenção que atenda as necessidades dos envolvidos com o processo pedagógico.

Levando em consideração, que a maioria das escolas ainda não possui, em sua equipe pedagógica, um psicopedagogo que possa auxiliar a comunidade escolar, instrumentalizando-a teórica e

metodologicamente para atender a individualidade de cada educando no processo de construção de seus conhecimentos, acredita-se que através desse trabalho poder-se-á contribuir de forma consistente para uma melhor qualidade de ensino no espaço escolar.

Considera-se que, no momento em que se respeita a forma própria e o ritmo de cada educando, introduzindo propostas ricas e desafiadoras, as escolas poderão transformar as "dificuldades" dos alunos em algo construtivo e produtivo. De acordo com Delors (2001, p. 47),

Ajudar a transformar a interdependência real em solidariedade desejada corresponde a uma das tarefas essenciais da educação. Deve, por isso, preparar cada indivíduo para se compreender a si mesmo e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo. Para podermos compreender a crescente complexidade dos fenômenos mundiais, e dominar o sentimento de incerteza que suscita, precisamos, antes, adquirir um conjunto de conhecimentos e, em seguida, aprender a relativizar os fatos e a revelar sentido crítico perante o fluxo de informações.

## **2. ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL DA ESCOLA NO CONTEXTO DAS SÉRIES INICIAIS**

O contexto escolar com sua organização e estrutura física, seus sujeitos, tempos e espaços pedagógicos, seus conteúdos e formas de ensino, oferecem aos educandos determinadas condições como, oficinas pedagógicas para construir e melhorar seus conhecimentos e necessidade. Inseridos na escola para construir o conhecimento historicamente acumulado, onde permanecem boa parte de sua infância e adolescência, o educando é submetido a um processo de socialização entre saber cultural e o conhecimento construído historicamente pela humanidade.

Em qualquer trabalho pedagógico há uma compreensão sobre o que seja personalidade. Assim, o trabalho do educador se dá dentro de um horizonte de compreensão a respeito de como a criança aprende e se desenvolve, quais suas necessidades, como ela se torna um ser e não outro, bem como das possibilidades e limites de ser. Isso ocorre mesmo que esta compreensão esteja obscurecida ao educador, que é o mais comum, visto que não se trata apenas de um horizonte reflexivo, mas humanizado na sua prática cotidiana.

Nos últimos tempos têm-se percebido um número muito alto de educandos com problemas de ordem emocional, social e afetiva que acabam interferindo no seu desenvolvimento e conseqüentemente no aprendizado.

É nesse sentido que Scoz (1996), vê como necessário intervir psicopedagogicamente na vivência da dificuldade educacional da criança, para que ela possa prosseguir sua caminhada rumo a formação e capacitação intelectual.

A intervenção educativa deve, contudo, incorporar princípios flexíveis capazes de contemplar as particularidades pessoais e culturais, escolares e sociais, tendo como alvo os processos de desenvolvimento, personalização, socialização, humanização e liberação. De acordo com Puebla (1997, p. 37).

A confiança que impregna o indivíduo que aprende a escutar e crer em sua voz interior é a chave para o autodesenvolvimento pessoal e social. A harmonia de nossa vida comunitária relaciona-se diretamente ao nosso vínculo pessoal com esse nível de intuição. Ultimamente tem sido reconhecido como um nível importante para se solucionar problemas, gerar novas e criativas opções e auxiliar a tomada de decisões sensatas.

Por isso, o processo complexo que acompanha o indivíduo ao longo de toda a vida, a sua trajetória na ação educativa está vinculada a inúmeros agentes, múltiplas experiências e incontáveis fontes de aprendizagem, a maioria dos quais de difícil controle. A vida é essencialmente educativa, mas os rumos e os produtos de "sua pedagogia", particularizados nas histórias de cada um são absolutamente imprevisíveis. Parte integrante do processo educativo, mas configurando-se como iniciativa diferenciada, a escolarização parece ser a alternativa única e insubstituível de conduzir à formação humana sob modos de intervenção planejados à luz de princípios éticos, culturais, cognitivos, sociais e políticos.

## **3. QUAL O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NESSE CONTEXTO?**

Ao psicopedagogo cabe saber como se constitui o sujeito, como este se modifica em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual constrói conhecimento e aprende. É preciso também, que o psicopedagogo saiba o que é ensinar e aprender; como os sistemas e métodos educativos interferem nesse processo e como enfrentar os problemas estruturais enfrentados nas instituições escolares.

Na instituição, a Psicopedagogia tem como função oportunizar ou promover a conscientização dos educadores, diretores, orientadores e coordenadores educacionais, promovendo estudo e reflexão com relação a questões de planejamento, metodologia, conteúdo e relações que façam com que a escola exerça o seu papel de espaço de construção e socialização do saber e formação de cidadania numa perspectiva que atenda o educando que, hoje, representa a sua clientela. Por outro lado, mesmo que a

escola consiga atender as necessidades específicas de aprendizagem de seus educandos, é preciso admitir que algumas crianças possam necessitar de um atendimento psicopedagógico mais de perto, em nível terapêutico. O que deixa claro que a modalidade preventiva é feita dentro da escola e a terapêutica, fora dela.

Portanto, para conquistar seu espaço dentro da escola, esse profissional deve dominar amplos e variados conhecimentos, bem como uma capacidade de relacionamento flexível, versátil e humilde. É preciso que, além de conhecer os processos de aprendizagem pelos quais a criança aprende, ele também conheça os processos vividos por aquele que ensina. Para uma atuação institucional eficaz, deve ser considerado, como ambiente educacional, a escola como um todo. Nesse contexto está a criança, sua família, o professor, o diretor que organiza e dirige todas as ações administrativas e pedagógicas, a merendeira, serviços administrativos, serviços gerais e as questões estruturais a que a escola está submetida.

De acordo com Bossa (2000), o psicopedagogo pode colaborar, através de seus conhecimentos na elaboração de um projeto que possa ajudar a escola a responder algumas questões como: O que, como e para que ensinar? Pode realizar um diagnóstico para detectar aspectos que estejam prejudicando o processo ensino-aprendizagem.

Portanto, esse profissional torna-se imprescindível no processo de construção e implementação do projeto político pedagógico de uma unidade escolar.

Em sua atuação configura-se, também, o trabalho efetivo com os portadores de necessidades especiais de aprendizagem, bem como a orientação aos educadores que atendem esses alunos.

É também papel do psicopedagogo evitar o troca-troca de escola do aluno, que é a princípio contraproducente para o indivíduo com dificuldades. É preciso buscar a parceria da família e para isso a orientação psicopedagógica aos pais referente essa troca é fundamental, principalmente na questão dos valores, que esta família tem, e no que ela acredita, pois a diversidade cultural na sociedade é caracterizada pelas diferenças de crenças, costumes, atos e ações.

De acordo com Bossa (2000), o psicopedagogo é um profissional preparado para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento das questões relacionadas a aprendizagem escolar. É através do diagnóstico, que ele identifica as causas das necessidades e elabora o plano de intervenção.

No entanto, faz parte do percurso, descortinar as barreiras do preconceito e avançar finalmente, para uma nova era na educação. Acredita-se no saber-fazer psicopedagógico, que pode ser uma tentativa de amenizar deficiências e carências apresentadas pelos alunos.

#### **4. INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: MEDIAÇÃO ATRAVÉS DOS JOGOS NUMA VISÃO SISTÊMICA**

Para melhor compreender as questões da aprendizagem, elas devem ser consideradas sistemicamente. O que vem a ser isso? A escola, a família do aluno, ele próprio, os professores, são todos integrantes de um sistema que formam uma unidade e tendem para a manutenção de um equilíbrio. Ao olhar esses subsistemas de forma circular, estar-se-á responsabilizando a todos os envolvidos, no processo de aprendizagem e nas possíveis rupturas que possam aí surgir.

O olhar Sistêmico é tão importante quanto ter um modelo e perceber que ele não passa de uma metáfora. Assim, quando se fala em olhar sistêmico isso é apenas um recurso que auxilia a ordenação de uma realidade complexa, possibilitando definições operacionais, lógicas e pragmáticas.

O que este modelo permite é perceber como as questões do aprender e do saber operam de uma forma relacional e interdependente. Tanto quem aprende como quem ensina, é responsável e está implicado mutuamente com os resultados. É preciso que se veja, tanto o ensinante quanto o aprendente, às famílias de ambos, a escola, o próprio contexto social, como todos os envolvidos neste processo, como co-responsáveis pela mesma situação. Desta forma tira-se o foco da criança, deixa-se de olhá-la como bode expiatório, e redistribui-se o sintoma (no caso, as dificuldades de aprendizagem), por todos os envolvidos. Segundo Parga (Apud SISTO, 2001, p. 163),

A relação professor-aluno se constitui numa possibilidade para que a criança se recoloca e, a partir do outro, ressignifique suas posições e dificuldades. Nesse sentido, o professor deve se preocupar com o desenvolvimento integral da criança, propiciando a aproximação escola-família, vinculando sempre o aluno ao prazer de aprender, permitindo, assim, um mecanismo de identificação desta com o processo de aprendizagem. No entanto, para que tal medida ocorra é preciso que cada professor reveja o seu próprio gozo ao aprender. Por isso, a intervenção psicopedagógica vem introduzir uma contribuição rica no enfoque pedagógico. O processo de aprendizagem da criança é compreendido como um processo pluricausal, abrangente, implicando componentes de vários eixos de estruturação, afetivos, cognitivos, motores, sociais, econômicos e políticos.

Portanto, a dificuldade que, na maioria das vezes é atribuída ao aluno, passa a ser atribuída a um contexto mais amplo que inclui toda a comunidade escolar. Analisar dificuldades no processo de aprender inclui, necessariamente, a análise do projeto político pedagógico da escola, e a concepção de aprendizagem internalizada pelos atores da instituição escolar. A ampliação desta leitura para além do educando permite, ao psicopedagogo, uma intervenção que envolve vários aspectos envolvidos no pensar e fazer pedagógicos.

A intervenção psicopedagógica atinge plenamente seus objetivos quando, amplia a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem de cada aluno, abrindo espaço para que a escola viabilize recursos que atendam essas necessidades e possibilite o sucesso de todos na escola. Desta forma, o fazer pedagógico se transforma e reestrutura-se, podendo se tornar uma ferramenta poderosa no projeto pedagógico da escola.

No entanto, mudanças ocorreram, já realoca-se o conceito de aprender, a função de ensinar. Dar conta da diversidade, do heterogêneo possibilita o aprender coletivo, a riqueza da troca, o aprender com o outro. O professor deixa de ser apenas difusor do conhecimento e vive o fazer pedagógico como espaço para a estimulação da aprendizagem. De acordo com Silva (1998, p. 56).

Estes movimentos levam a uma aliança de trabalho, a uma ação conjunta com o psicopedagogo que permite então a identificação e a clarificação de situações conflitivas através do confronto (desafios que o psicopedagogo propõe), proporcionando ao sujeito a possibilidade de rever suas experiências e redimensioná-las em níveis de estruturação sempre mais complexos, ampliando assim sua capacidade de ação.

E é nessas condições que o psicopedagogo amplia as possibilidades do processo de ensinar e aprender: o aluno passa a ser objetivo e meio para a ação pedagógica, de problema ele se transforma em oportunidade de aprendizagem para o professor. Refletindo acerca dos resultados, numa ação conjunta com o psicopedagogo, o educador se sente desafiado a repensar a sua prática revendo conceitos já cristalizados que incluam novas possibilidades e novos procedimentos para a sua práxis.

A intervenção psicopedagógica na escola deve ser considerada como um recurso do sistema educacional, portanto, de todos os alunos e professores e não somente daqueles que possuem determinadas características. Mesmo porque, faz parte dessa intervenção, também, a identificação de experiências positivas que podem ser socializadas e compartilhadas por todos.

A relação família-escola e intervenção psicopedagógica devem ter objetivos comuns que se concentrem em favorecer o desenvolvimento integral das crianças e ser presença constante estimulando e instigando o educando a crescer e tornar-se auto-confiante em suas possibilidades. Isto requer também a existência do conhecimento mútuo e o estabelecimento de vínculos saudáveis que permitam que a criança sinta-se segura e vá em frente.

Nesse contexto, a psicopedagogia implica também, uma metodologia específica de trabalho. Metodologia essa, que precisa levar em conta, necessariamente, o contexto em que se desenvolve a ação pedagógica: família, escola e comunidade. No caso da instituição, é preciso considerar não apenas as características psicológicas e sociais das crianças, mas, também, as características dos educadores e da própria instituição.

Por isso, é necessário que a intervenção psicopedagógica se utilize de metodologias como que criem ambientes gratificantes e atraentes e, servindo como estímulo para o desenvolvimento de relações de confiança. Os jogos podem trazer vantagens como: entusiasmo, concentração e motivação entre outros tão importantes para este desenvolvimento integral. Podem favorecer uma relação estreita com os parceiros e com a construção do conhecimento e possuem aspectos que influenciam e motivam o processo de ensino aprendizagem. Segundo Fernández (2001, p.71).

O jogar brincar não só é produtor do sujeito enquanto sujeito desejante, mas também enquanto pensante. A inteligência se constrói a partir do jogar-brincar. Um ato inteligente é um ato de desadaptação criativa com a realidade. Precisamos dar conta do que se nos oferece, para poder transformá-lo.

A ludicidade, utilizada no processo ensino e aprendizagem, pode favorecer a aquisição de condutas cognitivas e o desenvolvimento de habilidades que contribuem para a formação de atitudes sociais, respeito mútuo, iniciativa pessoal e grupal.

Ainda segundo Fernández (2001) O uso do psicodrama em psicopedagogia não necessita recorrer a exercícios que a reeducação propõe para a lateralidade e, nem a localização espacial, porque a lateralidade e a localização espacial estão dirigidas ao organismo. Por outro lado o psicodrama centra-se na corporeidade atravessada pela palavra, a inteligência e a dramática consciente e pré-consciente. Neste aspecto, o desenvolvimento da intervenção psicopedagógica dar-se-á através de atividades bem definidas com vistas a solucionar, da forma mais rápida possível, os efeitos dos sintomas apresentados pelos alunos.

É interessante mencionar ainda, que o jogo como estratégia de intervenção é de fundamental importância no trabalho do psicopedagogo, uma vez que os mesmos produzem situações psíquicas estruturantes na constituição do "eu". Através dos jogos, podem se desenvolver muitas das situações de psicoterapia, de forma espontânea.

Esta particularidade do trabalho psicopedagógico obriga o psicopedagogo a situar-se numa perspectiva interdisciplinar, para poder compreender os problemas que se apresentam. Obriga-o, também, a

integrar-se num trabalho de equipe, no qual o seu papel define-se em íntima sintonia com os demais membros da equipe, exigindo, na maior parte das vezes, um trabalho de articulação e coordenação desses papéis.

Portanto, é importante ressaltar que a formação que o psicopedagogo necessita, para a realização de intervenções sérias e conseqüentes, deve constituir-se de uma sólida fundamentação teórico-prática.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Viver é aprender. Portanto a aprendizagem humana é contínua, dinâmica e viva. Acontece em qualquer espaço e a qualquer momento porém, é a escola o espaço que lhe dá uma característica formal. E é na escola que ela se torna tão complexa e que as chamadas "dificuldades de aprendizagem" aparecem.

Nesse palco formal do ensinar e aprender, vários são os atores envolvidos na aventura humana de crescer e construir conhecimento.

A análise do contexto escolar atual levou à identificação de que o foco dos problemas de aprendizagem se concentra no educando, como se educador, família e escola como um todo não participasse dessa história.

Ficou claro que a Psicopedagogia tem um novo olhar para esse contexto, que desloca esse foco, concentrado no aluno, para todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem e acredita que tanto o educador quanto o educando, a família e a comunidade escolar como um todo requerem atenção que atenda as suas necessidades específicas de aprendizagem.

A intervenção psicopedagógica pode contribuir de forma consistente na construção de um projeto político pedagógico que venha ao encontro dessas necessidades, num trabalho de parceria com a instituição escolar.

Constatou-se, também, que para uma intervenção de qualidade o psicopedagogo deve dominar um campo amplo de conhecimentos que lhe garanta competência técnica, política, pedagógica e humana.

Assim, o trabalho psicopedagógico requer dele uma real percepção de si mesmo, de maneira a não se deixar levar pelos próprios valores durante a intervenção. Isso porque o reconhecimento de um problema de aprendizagem e a intervenção mais adequada para solucioná-lo será resultado da bagagem cultural que ele traz consigo e que interferirá na sua capacidade de observação e na análise de cada caso. Segundo Fernandez, (2001, p. 87).

Mesmo interrogando constantemente o sistema escolar, a psicopedagogia propõe-se a um trabalho no âmbito da subjetividade, de forma que os professores possam posicionar-se de uma maneira diferente, mais livre e criativa em respeito a eles mesmos e, em conseqüência, também aos seus alunos: para ensinar melhor, ressignificar o aprender e poder jogar na escola e além dela. A psicopedagogia precisa ir além da escola, com intuito não só de analisar, mas também de intervir nos modos de pensar e nas modalidades ensinantes que a sociedade de mercado impõe.

A postura ética desse profissional na sua intervenção com a família, a escola e o educando devem favorecer a confiança e fortalecer vínculos saudáveis através dos quais todos cresçam e se vejam como ensinantes e aprendentes.

A atuação psicopedagógica, enquanto facilitadora das relações, deve favorecer o reconhecimento de papéis que devem ser assumidos e que facilitem a construção de limites que possibilitem o equilíbrio de poder entre seus membros e o compromisso de todos no processo ensino-aprendizagem.

A interdisciplinaridade não é mais suficiente para analisar a complexidade da relação do sujeito da aprendizagem com o conhecimento e com o saber. Não é suficiente analisar isoladamente o fenômeno da dificuldade e o sujeito da aprendizagem a partir das diferentes disciplinas. A queixa escolar ou dificuldade de aprendizagem deve ser compreendida juntamente com o sujeito da aprendizagem no contexto sócio-cultural, ou seja, é preciso escutar o sujeito inserido no discurso social escolar. Sujeito da aprendizagem e contexto são parte e todo simultaneamente de um complexo sistema e se interferem. Edgar Morin (2000, p. 94) denomina de "princípio holográfico", inspirado no holograma, em que cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto que ele representa para explicar o aparente paradoxo das organizações complexas, em que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte. O sujeito da aprendizagem deve ser escutado simultaneamente na sua singularidade e na sua inserção no contexto cultural.

Portanto, a intervenção psicopedagógica não se limita mais a utilização dos recursos técnicos em si mesmo, mas leva em conta a relação transferencial que se estabelece entre o psicopedagogo e o sujeito da aprendizagem. Propõe-se então pensar num estilo de intervenção psicopedagógica que possa olhar para todo o contexto e o seu entorno.

É importante ressaltar que essa intervenção pode se dar de forma lúdica, através dos jogos simbólicos, que favorecem uma ação espontânea motivam e constroem conhecimento.

Amalgame: Combinar-se; confundir-se

Desadaptação criativa como modo de trabalhar a inteligência.

Subjetividade: Do, ou existente no sujeito. Individual, pessoal. Aquilo que é subjetivo

6. REFERÊNCIAS

1. BOSSA, Nadia A . Dificuldades de aprendizagem: O que são? Como tratá-las? Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
2. DELORS, Jacques. Educação: Um tesouro a descobrir. 6ª ed.. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.
3. FERNANDEZ, Alicia. Psicopedagogia em psicodrama: morando no brincar. Trad. Yara Stela Rodrigues Avelar. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
4. FERNANDEZ, Alicia. O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos. Trad. Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2001.
5. MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
6. PUEBLA, Eugenia. Educar com o coração: uma educação que desenvolve a intuição. Trad. Patrícia Caffarena Celani Chnee. São Paulo: Peirópolis, 1997.
7. SCOZ, B. J. L., CAMPOS, M. C. M. e MENDES, M. H. (org). Psicopedagogia, contextualização, formalização e atualização profissional. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
8. SCOZ, Beatriz. Psicopedagogia e Realidade Escolar – O Problema Escolar e de Aprendizagem, 3ª ed.. Petrópolis, Vozes, 1996.
9. SILVA, Maria Cecília Almeida e. Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
10. SISTO, Fermino Fernandes, BORUCHOVITCH, Evelyn, FINI, Lucila Diehl Tolaine. (Org). Dificuldades de aprendizagem no contexto